

## **ANÁLISE DO LIVRO REPORTAGEM A BORDO DE UM PESADELO: DITOS E NÃO DITOS DO MAIOR NAUFRÁGIO DO BAIXO AMAZONAS**

Hellen Cristina Picanço Simas<sup>1</sup>  
Jousefe David Matos de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem por objetivo avaliar a narrativa do livro – reportagem: *Abordo de um pesadelo: ditos e não ditos do maior naufrágio do Baixo Amazonas*, produzido pelas acadêmicas Glenda Pinto, Jakeline Soares e Naiara Guimarães, do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, no ano de 2016, apresentando as características do Jornalismo literário presentes na obra. A metodologia aplicada à pesquisa foi a revisão bibliográfica e a pesquisa qualitativa. Os autores utilizados na fundamentação teórica foram Bulhões (2007) e Pena (2006). Analisamos a narrativa do livro reportagem e identificamos dois estilos de escrita: a primeira de caráter literário predominante no livro, e a segunda com características jornalísticas tradicionais da impessoalidade e objetividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo, literatura, narrativa, livro reportagem, estilos de escrita

**ABSTRACT:** The objective of this research is to evaluate the narrative of the book - reportage: *On board of a nightmare: sayings and not said of the biggest shipwreck of Baixo Amazonas*, produced by the academics Glenda Pinto, Jakeline Soares and Naiara Guimarães, of the Course of Social Communication - Journalism , In the year 2016, presenting the characteristics of literary journalism present in the work. The methodology applied in the research was the bibliographic review and qualitative research. The authors used in the theoretical basis are Bulhões (2007) and Pena (2006). We analyze the narrative of the book and identify two styles of writing: the first of literary character predominant in the book, and the second with traditional journalistic characteristics of impersonality and objectivity.

**KEYWORDS:** Journalism, literature, narrative, book report, writing styles

### **INTRODUÇÃO**

O conceito de jornalismo literário segundo Pena (2006), é uma linguagem musical de transformação expressiva e informacional. O jornalismo atual se caracteriza com textos menos subjetivos, visando à clareza e à objetividade da informação, no entanto este tipo de discurso é menos atrativo ao leitor, acostumado ao *lead* dos jornais impressos. Esta rapidez da informação no qual os textos jornalísticos são escritos apresenta caráter objetiva, e a subjetividade do autor se torna ausente. A presença da linguagem literária no jornalismo, ao contrário apresentam

---

<sup>1</sup>Professora Doutora do Curso de Comunicação Social Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas campus Parintins.

<sup>2</sup>Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas campus Parintins.

textos mais atrativos, tornando-se possível a maior presença do escritor/jornalista e o resultado são obras mais humanísticas ao público.

A pesquisa também analisa as produções feitas pelos acadêmicos do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, avaliando as características do jornalismo literários presentes no livro reportagem, expondo influências no modo como foi escrito. A importância dessa pesquisa se fundamenta na análise dos textos dos acadêmicos fazendo uma breve avaliação e perspectivas para futuras produções textuais jornalísticas do curso. Analisaremos também as características presentes na narrativa do livro reportagem: **Abordo de um pesadelo: ditos e não ditos do maior naufrágio do Baixo Amazonas**, objeto de pesquisa deste trabalho, fazendo recortes e apresentando análises do discurso. Dentro dessa proposta a pesquisa faz uma análise do estilo de escrita do livro reportagem, bem como sua importância para a cidade de Parintins.

O artigo faz um breve apanhado histórico do surgimento do Jornalismo Literário, enfatizando a importância da narrativa na construção dos textos, bem como descreve o contexto histórico da época, apresentando as principais características presentes no livro-reportagem.

Os conceitos abordados na construção deste artigo advêm dos estudos de Pena (2006) e de Bulhões (2007), cujas obras fazem uma abordagem histórico-social do surgimento do Jornalismo Literário e suas definições. O conceito de jornalismo literário é discutido nessas obras e nos traz discernimento nesta relação dessas duas linguagens, fomentando questões relevantes para sua permanência nas produções textuais jornalísticas.

## 2. JORNALISMO E LITERATURA

A relação de Jornalismo e Literatura é uma linha tênue entre o ficcional e o factual. Bulhões faz uma breve descrição sobre esses dois gêneros em sua obra **Jornalismo e literatura em convergência**, ao assimilar as semelhanças e as diferenças destas narrativas, o autor afirma a natureza vaidosa do Jornalismo e a define como:

(...) atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar o movimento da própria vida. Seria do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, papável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria – ou desejaria prestar – uma espécie de testemunho do “real”, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo (BULHÕES, 2007, p.11).

O papel do jornalista seria a de um historiador de sua contemporaneidade, registrando e apurando a veracidade dos fatos. Informar através de textos e imagens os acontecimentos

factuais para a sociedade pelos meios de comunicação, sem intervir/manipular a informação, visto que é de sua função expor a verdade. A documentação dos fatos do cotidiano de forma objetiva e sem dar margens a ambiguidade para um grande público sedento de informação. Segundo Bulhões (2007, p. 12), “para a atividade jornalística, prevalece a noção de que a linguagem é meio, *medium*, não fim”.

A Literatura é uma versão contrária ao Jornalismo, não um meio, mas um fim (Bulhões, 2007). A informação objetiva na Literatura tornar-se ausente no sentido de que sua atenção está no modo de escrita, na linguagem e na criação de um universo peculiar do escritor. O percurso, o modo de construção da narrativa de uma obra literária está no deleite das palavras, no desenvolvimento e no encerramento do enredo. Sobre o texto literário, o autor afirma:

(...) todo texto literário é insubstituível. No momento em que ele é tomado para ser retransmitido, alterando-se com isso sua constituição formal, realiza-se inapelavelmente a construção de outro texto. Portanto, se há um universo na literatura a ser informado, ele só importa como algo a ser *enformado*, ou seja, configurado em uma forma especial que lança uma experiência que antes não existia. Nesse sentido, todo texto literário cria um novo mundo, o mundo da linguagem que ele produz (BULHÕES, 2007, p. 14).

Esta aura insubstituível do texto literário está na intersubjetividade entre autor e leitor. Todo o texto lido é interpretado e modificado no processo intelecto do leitor, visto que há memórias ativas, fantasias e entre outras interpretações modificando o sentido do texto. Nesse contexto, a linguagem literária, a obra está sempre em constantes mudanças, metamorfoseando sua estrutura quando interagida com o público.

Em um breve percurso histórico do jornalismo, a influência da Literatura na área jornalística se deu no período do primeiro Jornalismo (1789-1830) e no segundo Jornalismo (1830-1900). Períodos definidos por Ciro Marcondes Filho para representar os quadros evolutivos do Jornalismo. O crescimento da escrita literária no Jornalismo surgiu nas primeiras publicações dos folhetins:

E foi justamente no século XIX que a influência da Literatura no Jornalismo tornou-se mais visível. O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos. Só que os livros eram muito caros e não podiam ser adquiridos pelo povo assalariado. A solução seria óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária. Entretanto, esses romances deveriam apresentar características especiais para seduzir o leitor. Não bastava escrever muito bem ou contar uma história com maestria. Era preciso cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal no dia seguinte. E, para isso, seria necessário inventar um novo gênero literário: o folhetim. (PENA, 2006, p.32).

Esta fragmentação dos textos literários nos jornais impressos através dos folhetins foi uma solução agradável tanto à imprensa quanto aos jornalistas. Os jornais diários atendiam a um grande público formado por intelectuais e a grande massa popular, e as histórias contadas pelos autores estimulava o público, incentivando-os sempre na compra da próxima edição. Seus enredos, os personagens e todos os requisitos presentes na literatura eram bem construídos e expostos nas edições de folhetins, atendendo a demanda de um público curioso pelos finais de suas tramas. O folhetim foi um meio de comunicação de consagração de escritores, a exemplo de Victor Hugo e Honoré de Balzac, cujas obras publicadas nos jornais impressos, tornaram seus nomes conhecidos na literatura mundial. Deve-se ao folhetim, o sucesso de grandes obras literárias, assim como marca um período do fortalecimento da Literatura, tornando a arte acessível a todos os níveis de escolaridade e classes sociais.

Uma das características do jornalismo literário está na linguagem cinematográfica. A descrição textual dos ambientes, da aparência dos personagens, das sensações, pensamentos, do contexto, enriquecendo em detalhes o texto, convidando o leitor a fazer uma contemplação dos acontecimentos. Sobre este tipo de linguagem:

(...) o apelo à visualidade confere uma impressão de verismo baseado no manejo de efeitos descritivos persuasivos e permite ao leitor compor uma imagem mental do ambiente. Dizer isso é válido para se perceber que o texto realiza uma elaboração que busca constituir uma imagem verossímil de um ambiente concreto. Ele intenta construir com algum rigor certa aparência da verdade. Desse modo, o leitor pode se convencer de que o velho sobrado é algo que possui uma existência comprovável, que ele existe ou existiu de fato, uma vez que é perfeitamente reconhecível naquilo que se concebe como realidade. O discurso se faz, pois, como uma construção imitativa real do visível (BULHÕES, 2006, p.129-130).

Essa verossimilhança construída através da linguagem cinematográfica atribui um concretismo ao texto literário. A descrição dos ambientes, de um plano geral e aproximando nos detalhes remete a uma linguagem fotográfica, cujo autor insere no corpo do texto os elementos necessários para a formação da imagem mental ao leitor. Esses estímulos às sensações como cheiro, o tato, o paladar, desperta os sentidos e memórias do leitor cujas experiências cognitivas dialogam com as narrativas, contribuindo uma maior identificação com a história da obra. Estes recursos da linguagem literária, com fidedigna descrição dos detalhes reforça uma posição de persuadir o público leitor sobre a veracidade dos fatos, de cada movimento, pensamentos, comportamentos dos personagens e todo o seu contexto, tornar-se

uma janela contemplativa e uma porta para se adentrar ao universo de determinado acontecimento.

A escrita literária tem sentido mais conotativo, proporcionando uma estética à escrita, se utiliza de recursos como a metáfora para representar comportamentos, expressões humanas ou para descrever ambientes e o seu contexto temporal. Neste tipo de linguagem, o autor constrói um imaginário, mas (como no caso do livro-reportagem) sem se desconectar do real. No texto literário, há mais liberdade do autor em dialogar a informação com textos mais romantizados, suscitando percepções diversas ao leitor, e, conseqüentemente, atribuindo interesses em uma leitura mais aprofundada da história.

### **3. LIVRO-REPORTAGEM A BORDO DE UM PESADELO**

O livro reportagem *A bordo de um pesadelo: ditos e não ditos do maior naufrágio do Baixo Amazonas*, objeto de estudo deste artigo, é fruto da produção científica das acadêmicas Glenda Pinto Garcia, Jackeline Soares de Souza, Naiara Guimarães Almeida, cujo orientador foi o professor Hudson Beltrão Junior do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins.

O livro relata as histórias dos sobreviventes do naufrágio do Barco Motor Almirante Sergimar ocorrido no dia 29 de setembro de 2005, que levou a óbito dezessete pessoas e ao desaparecimento de outras sete, deixando quarenta e três sobreviventes. A tragédia marcou a vida de muitas pessoas, assim como deixou marcas para todos os moradores do município de Parintins, localizado no estado do Amazonas, a 369 km da capital Manaus. O livro traz depoimentos dos sobreviventes e informações do inquérito não divulgadas pela imprensa, além das versões contraditórias dos responsáveis pelo acidente.

O livro tem como protagonista a sobrevivente Valdenei Santos. Durante a história, outros personagens são inseridos no livro, mostrando a angústia e desespero deles na hora da tragédia. O enredo mostra, a partir do olhar de Valdenei, as cenas antes e após o naufrágio, assim como o momento do resgate, de sua recuperação no hospital. No final do livro, são revelados documentos importantes da investigação sobre os responsáveis pela tragédia e ainda informações sobre os sobreviventes após o acidente.

O livro-reportagem é dividido em quatro capítulos: o primeiro intitulado *Viagem marcada* conta a história do casal protagonista do livro, relatando os primeiros momentos da viagem, desde o embarque até ao momento da tragédia. O segundo capítulo, *O resgate*, relata

os primeiros momentos do resgate aos sobreviventes, das angústias em meio a tragédia e o desespero das famílias. O terceiro capítulo, *Pelas ondas do rádio*, rela as primeiras coberturas da imprensa parintinense no local da tragédia, e, o último capítulo, *Controvérsias da tragédia*, traz o resultado das investigações sobre o acidente e as versões contraditórias dos acusados.

#### **4. CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO LITERÁRIO NO LIVRO REPORTAGEM A BORDO DE UM PESADELO**

O conceito da estrela das sete pontas é uma classificação do Jornalismo Literário em temas em que são abordados para melhor compreensão desta linguagem. Utilizaremos este esquema elaborado por Pena na elucidação do conceito de Jornalismo Literário, bem como na identificação destes elementos no texto do livro reportagem *A bordo de um pesadelo*.

O primeiro aspecto da estrela de sete pontas é a potencialização dos recursos jornalísticos. Segundo Pena (2006), “o jornalista não ignora o aprendizado do jornalismo diário, ao contrário, ele se utiliza desses artifícios para construir novas estratégias profissionais”. Dentro dessa perspectiva, o livro-reportagem *A bordo de um pesadelo* apresenta em sua construção uma abordagem séria dentro das técnicas jornalísticas de apuração dos fatos. Os autores do livro se utilizaram das técnicas de entrevistas, levantamentos de dados, busca de documentos, uma observação detalhada aos anexos, obedecendo a uma criteriosa lógica na construção da obra.

A segunda ponta da estrela, segundo Pena (2006), “recomenda que o jornalista rompa com a periodicidade e a atualidade, preceitos amarrados no *deadline*”. O naufrágio do Barco Almirante Sergimar ocorreu em 2005, durante o período de um ano após o acidente foram feitas diversas reportagens sobre o assunto seja a nível local ou nacional. O livro-reportagem foi produzido em 2016, e, passado mais de dez anos da tragédia, as lembranças do acidente ainda permanecem na memória dos habitantes de Parintins. O livro trouxe informações importantes sobre a investigação dos acusados, resultados não divulgados pela mídia. O período de entrevistas e investigação sobre o acidente utilizados na elaboração da obra ultrapassa o limite/tempo de um *deadline*, proporcionando uma visão mais apurada dos fatos.

Prosseguindo a análise do livro-reportagem, partimos para a terceira característica, cujo dever do jornalista/escritor seja de proporcionar uma visão ampla da realidade. A abordagem feita sobre a tragédia foi tratada no livro reportagem utilizando entrevistas com nove sobreviventes do naufrágio, no qual fora escolhido um casal como protagonista da obra.

Durante o desenvolvimento da história, os sobreviventes foram expondo suas experiências no dia do acidente. Sobre a luz de uma escrita cinematográfica, o autor expôs de forma detalhada o momento da tragédia, o propôs transpor ao leitor as piores sensações possíveis vivenciadas naquela situação diante da morte. A descrição das primeiras do amanhecer até momento do acidente, da movimentação dos jornalistas parintinenses ao local, da reação dos familiares sobre a perda irreparável das vidas inocentes, todo este universo fora construído para que o público pudesse sentir novamente o horror da tragédia.

Humanizar e buscar a verdade dos fatos através do livro-reportagem. O esclarecimento dos fatos na busca pelos verdadeiros culpados do naufrágio foi feita com a comprovação dos documentos do inquérito policial, pondo as versões controversas dos acusados, tornando um dos principais pontos abordados no livro. O livro parte de uma análise mais profunda do naufrágio com a reconstituição das experiências dos sobreviventes expostas em linhas e o esclarecimento de perguntas antes não respondidas, tornando-o uma obra satisfatória e de grande valor informacional para a comunidade.

O exercício de cidadania, como defende Pena (2006), é o quarto tema, cuja função do jornalista seja pensar na formação do cidadão. Dentro desse aspecto, o livro-reportagem traz à tona a irresponsabilidade dos donos das embarcações em relação à segurança dos passageiros. Toca no problema de conscientização de normas de segurança, que deveria ser melhor fiscalizadas. Atividade que deveria partir por um lado dos próprios donos de embarcações e, por outro, dos passageiros. A obra sensibiliza mostrando as perdas irreparáveis das famílias das vítimas que tiveram suas vidas marcadas para sempre com a tragédia. E, principalmente, focaliza o ato hediondo causador do acidente, que poderia ser evitado caso o comandante da embarcação não tivesse feito a manobra arriscada, que levou óbito a vida de muitos inocentes.

A quinta característica do Jornalismo Literário é romper as correntes do *lead*, narrativas criadas pelos jornalistas americanos no início do século XX para por objetividade nos textos jornalísticos. Como já fora dito anteriormente neste artigo, o livro-reportagem *A bordo de um pesadelo* apresenta dois tipos de discursos, um literário dominando boa parte dos textos no livro, e a outra identificada como escrita jornalística tradicional. Após uma breve análise desses discursos com breves comentários sobre trechos extraídos do livro, concluiu-se que a narrativa dominante é a jornalística literária. Notou-se uma leve escrita romantizada em alguns parágrafos, bem como a narrativa em terceira pessoa foi a que prevaleceu em toda obra. A linguagem cinematográfica também foi notada, mas não com tal intensidade como nos textos tão detalhado a estilo de escrita de Truman Capote. Em uma análise geral de todo o conjunto

da obra, consideramos o discurso na maior parte da obra como literária, com exceção do último capítulo, fora do estilo tradicional e objetivo dos jornais diários.

O quinto tema defende a entrevistas de pessoas comuns, aquelas que não são figuras públicas. Atividade de entrevistas com os definidores primários são muito praticadas pela imprensa, incitada pela agilidade das informações opta pelas fontes mais práticas. O enredo do livro-reportagem tem como estrutura o depoimento dos sobreviventes, a maioria pessoas simples, como sonhos e problemas. A riqueza dos textos está nas histórias contadas por eles, quando as duras lembranças se misturam à dor da perda e do trauma. Como numa linha do tempo, as descrições dos momentos do acidente, dos detalhes marcante de cada personagem tornam o livro reportagem um espaço de reflexão. A obra só foi possível ser escrita com as entrevistas desses personagens anônimos.

E, por último, a sétima ponta da estrela: perenidade. Sobre esta importante característica Pena defende:

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articuladas em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2005, p.15).

No último tema, é subjugado a questão efêmera das notícias de hoje. O livro-reportagem tem a obrigatoriedade de tornar-se eterno, tal como os clássicos livros de literatura, consagrando seus autores. A eternidade e a permanência na memória da coletividade são uma luta de muitos escritores, cujos obstáculos da mídia e suas tecnologias sufocam suas obras. Sobre o livro reportagem *A bordo de um pesadelo*, é ainda cedo para fazer uma avaliação sobre sua permanência na estante do tempo, visto que ele fora produzido recentemente. Dentro das expectativas de uma obra bem escrita, de um assunto delicado, passado dos dez anos após a tragédia, permanece na memória dos parintinenses, cabe somente ao tempo dizer se este livro conseguirá eternizar-se.

Na análise do livro reportagem e na identificação mais concisa desses elementos citado acima no esquema da estrela de sete pontas, extraímos trechos do livro e fizemos um breve comentário sobre a análise. Para delimitação da análise do livro, avaliamos alguns trechos do



primeiro, segundo e terceiro capítulos. Alguns elementos podem ser identificados como discursos literários. É o que se observa no início da obra:

Os primeiros raios de sol iluminavam as ruas de Parintins na manhã de quinta-feira do dia 29 de setembro de 2005. Por volta das cinco horas, a ilha já começava a acordar. Aos poucos se viam motociclistas, tricicleiros em busca de corrida, padeiros com cestas cheias de pães no bagageiro da bicicleta, comerciantes abrindo as portas dos seus empreendimentos, e funcionários nas ruas, se descolando para um dia de trabalho (GARCIA et al, 2009, p.11).

Esta narrativa em terceira pessoa com a voz onisciente retrata o cotidiano da cidade de Parintins, características de um discurso de cunho literário. Esta postura de um narrador descreve as movimentações, o horário, as datas, são detalhes enriquecedores dentro de um texto. Assim como fora dito anteriormente, essas descrições estimulam a percepção do leitor na compreensão do cenário. Percebemos a narrativa romanesca no texto: “Os primeiros raios de sol iluminavam as ruas”, enredos que se encaixam em um romance-reportagem, adereços usados na linguagem literária na estetização de um fato. Sobre o romance-reportagem Pena afirma:

Em outras palavras, quem faz romance-reportagem busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos. Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade. Pode até ser que a narrativa se aproxime da ficção-jornalística, que tem na inventividade um componente essencial de suas estratégias (PENA, 2006, p.103).

No livro reportagem *A bordo de um pesadelo*, encontramos essas informações detalhadas da tragédia, bem como identificamos um discurso mais literário no primeiro, segundo e terceiro capítulo. No entanto, no quarto há uma mudança no modo de escrita, percebe-se a ausência de uma linguagem subjetiva do autor, da liberdade de uso de palavras, metáforas e de outros recursos textuais característicos da Literatura. O texto no último capítulo se sobressai um estilo objetivo, sem todo aquele romanesco literário, se limita apenas às informações. Dentro desses aspectos, dividimos o livro em dois tipos de discurso; subjetiva com aspectos mais literários e a outra objetiva com características mais jornalísticas. A primeira dotada de uma linguagem mais descritiva do narrador em terceira pessoa descreve os personagens em sua aparência física, das cenas e todo contexto. Tal como observamos nesse trecho:

Com o barco alguns metros de distância do porto, o casal Valdinei e Saúde já estavam se preparando para almoçar quando avistaram de longe um carro de frete

com cinco meninas que acenavam no cais. Logo tocou o celular do rapaz que estava próximo de Valdinei. Deilson Jacaúna, de pele negra, baixo, com forte físico atlético era o mestre de capoeira das alunas atrasadas. O rapaz atendeu o celular enquanto olhava em direção do porto (GARCIA et al, 2009, p.18).

Estamos diante de um olhar mais detalhado das cenas, de uma maior dimensão da realidade. O narrador se atrela aos depoimentos e observações e reconstrói as cenas passadas. Para tanto, foram necessários os recursos jornalísticos como as entrevistas para a construção mais verossímil dos fatos. Memória e diálogos formam a estrutura do enredo do livro, premissas na compreensão dos acontecimentos.

São utilizados recursos mais profundos nos personagens como os pensamentos, as reações, as angústias frente a tragédia, características importantes no ritmo e na harmonia do texto. Neste percurso estilístico do texto, detectamos uma linguagem simples de uma narrativa transmitindo sensações ao leitor, da situação vivenciada pelos sobreviventes. Como no trecho a seguir:

Já embaixo d'água, Val ficava se rebatendo e sentiu um dos destroços do barco e levar para o fundo do rio. O objeto parecia ser a escotilha (tampa do porão) do Sergimar, pois a pressionou com muita força na parede do camarote do barco. Com isso sua perna ficou presa e sentiu bastante dor, as suas costelas já estavam quebradas devido aos impactos sofridos. Val sempre foi religiosa, e mesmo embaixo d'água, durante a agonia, se concentrou em fazer uma prece a Deus.  
- Meu pai, se for pra eu ir, me leve agora, não me deixe aqui sofrendo de dor.  
- Val orou em pensamento, cercada pelos escombros do Almirante Sergimar.  
(GARCIA et al, 2009, p.26).

Os recursos cinematográficos são percebidos nos textos do primeiro ao terceiro capítulo do livro. O autor procura envolver o leitor na trama da história, transportando ao local e ao momento do acidente, descrevendo as expressões de dor e os pensamentos de desespero, fazendo um laço entre factual e ficcional. Neste sentido, a narrativa apresentada permite ao leitor empatia com o relato da sobrevivente. A escrita fotográfica do local, como os objetos submersos, da atmosfera do ambiente, assim como os sons conferem ao texto um estilo literário realista.

No quarto e último capítulo do livro *Controvérsias da tragédia*, os resultados da análise mostraram uma mudança no estilo de escrita. A partir deste capítulo, nota-se um discurso mais jornalístico apresentando no corpo do texto um estilo objetivo e conciso dos resultados da investigação. Como podemos notar no seguinte trecho extraído do livro:

A primeira contradição existente no documento emitido pela Marinha é sobre quem estava no comando da embarcação no momento da tragédia. Em

depoimento, Raimundo Marques, contratado para dirigir o Almirante Sergimar na rota para Manaus, garante ter passado o comando para Augustinho Nunes da Silva, conhecido como Bilú. Mesmo tendo experiência na área fluvial, Bilú estava apenas como passageiro do barco, o homem de 44 anos estava na cabine de comando no mesmo lugar onde seus colegas de trabalho estavam, mas foi para o refeitório jantar quando o naufrágio ocorreu, segundo o seu depoimento (GARCIA et al, 2009, p.59).

Não é difícil notar o tipo de linguagem empregada neste último capítulo muito similar aos utilizados nos jornais. Nota-se a ausência da escrita romantizada e das descrições detalhadas da linguagem cinematográfica tão característica na linguagem literária. O texto jornalístico se mostra presente no livro como meio investigativo com anexos de documentos e imagens dos inquiridos policiais, mantendo as amarras jornalísticas tradicionais. Não há diálogos entre personagens, ou descrições de locais como nos capítulos anteriores. O livro se encerra neste tipo de escrita objetiva, não dando margens para interpretações opinativas do autor. O enredo da história desta tragédia se encerra com uma lacuna sobre a descoberta dos reais culpados do naufrágio, possibilitando, assim, assuntos para próximos capítulos.

## **CONCLUSÃO**

A partir das análises feitas sobre o livro reportagem identificando elementos do jornalismo literário, a presente pesquisa propôs uma visão do que se tem produzido no Curso de comunicação social Jornalismo campus Parintins, do tipo de narrativa empregada no livro reportagem, e da importância da obra como modo de tratar uma das maiores tragédias no município de Parintins.

Sobre a linguagem literária empregada na construção do livro reportagem, identificamos a escrita conotativa, os diálogos e modo romantizado de contar a história. No entanto, como foi discutido no artigo, o livro apresenta dois tipos de discurso: o primeiro de caráter literário, presente no primeiro ao terceiro capítulo, e o segundo no estilo jornalismo tradicional inserido no último capítulo do livro. Essa divisão feita na análise do livro é justificável, visto que a obra fora escrita por três autores.

Entender o processo histórico da Literatura no Jornalismo, apresentando os folhetins como um dos maiores meios de divulgação e consagração das obras literárias, e compreender a importância desse modo de escrita nas produções textuais jornalísticas. A valorização desta linguagem como modo de estimular o leitor a uma leitura mais aprofundada em uma visão mais apurada da realidade. Dentro dessa perspectiva, entendemos que ainda há muito a ser produzido

dentro do curso de Jornalismo em um contexto literário, e das dificuldades encontradas na produção do livro-reportagem, compreendemos a importância da obra como estímulo para futuras publicações.

O livro reportagem *A bordo de um pesadelo: ditos e não ditos do maior naufrágio do Baixo Amazonas* mostra em detalhes o naufrágio do barco Motor Sergimar, descrevendo de modo fotográfico o desespero dos sobreviventes e a investigação dos acusados. A maneira como é tratada este assunto nas páginas do livro nos transmuta para o local do acidente, fazendo o leitor a sentir as sensações desesperadoras das vítimas. Tal recurso da linguagem empregada na obra mostra a potencialidade da escrita literária em dar maior dimensão realística do acontecimento.

O livro-reportagem foi analisado dentro das perspectivas da estrela de sete pontas elaborado por Pena (2006). Dentro desses temas, discutimos cada ponto do livro e fizemos breves considerações sobre seu enredo e de seu peso no jornalismo parintinense. A proposta deste artigo além de analisar o livro-reportagem, identificando as características da escrita jornalística literária, foi fomentar discussões sobre este estilo presente no jornalismo atual, incentivando maior liberdade do jornalista/escritor em suas obras, desprendendo-se das objetivas narrativas jornalísticas do *lead*.

## REFERÊNCIAS

BULHÕES, Marcelo Magalhães, **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.

GARCIA, Glenda P.; SOUZA, Jakeline S.; ALMEIDA, Naiara G, **A bordo de um pesadelo: ditos e não ditos do maior naufrágio do Baixo Amazonas**. Org. Hudson Beltrão Jr. Parintins: João XXIII, 2016, 94 p.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. Editora Contexto, 2º edição. São Paulo-SP: 2006

PENA, Felipe, **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006, 142 p.